
Representações sociais da agricultura familiar no Portal NSC¹

Diana Mannes KOCH²

Terezinha SILVA³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Esta pesquisa entende o jornalismo como uma prática de comunicação que participa da construção da realidade social através das notícias que produz e coloca em circulação na sociedade. A partir desse entendimento, a pesquisa explora a questão: quais sentidos são produzidos pela cobertura jornalística sobre a agricultura familiar em Santa Catarina a partir das representações que constrói sobre essa atividade socioeconômica? O objetivo é identificar e analisar as representações sociais da agricultura familiar em matérias jornalísticas veiculadas no Portal NSC Total no ano de 2017. O ano foi escolhido por ser o período em que a empresa gaúcha RBS é vendida para o atual Grupo NC. Por meio de um modelo de análise próprio, que toma as representações sociais (MOSCOVICI, 2015) como conceito operador, a pesquisa analisa o *corpus* de 15 matérias publicadas no portal.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Representações sociais; Agricultura familiar; Cobertura Jornalística; Portal NSC.

Introdução

A pesquisa aqui apresentada está inserida em um contexto em que a movimentação social, a criação de políticas públicas e a produção de investigações acadêmicas acerca da agricultura familiar têm crescido pouco a pouco nos últimos 30 anos. A década de 1990 no Brasil foi marcada por um movimento muito forte por parte da sociedade civil e segmentos do poder público para legitimar a agricultura familiar, o que resultou nas primeiras políticas públicas voltadas às necessidades específicas dos sujeitos rurais, de acordo com os seus respectivos negócios. A criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar (PRONAF) foi um dos acontecimentos marcantes que ocorreram na década, com resultados importantes na linha

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. A pesquisa conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com bolsa Capes, e-mail: dianakoch.jor@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Université Paris Nanterre (cotutela), professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), e-mail: terezinhasilva@yahoo.com.br.

de crédito, infraestrutura e serviços municipais em favor das atividades agrícolas. Além disso, o PRONAF representa o reconhecimento do Estado brasileiro sobre as especificidades de uma nova categoria social - os agricultores e agricultoras familiares -, que até então era apenas denominada por termos genéricos como pequenos produtores, produtores de baixa renda ou agricultores de subsistência.

Com o avanço dessas discussões, em 2006 foi promulgada a Lei da Agricultura Familiar, a Lei Federal 11.326 de julho de 2006 (BRASIL, 2006, p. 1), que já recebeu atualizações em 2009 e 2011 para incluir outros grupos, como indígenas e quilombolas. Atualmente, 77% dos estabelecimentos rurais no Brasil se enquadram na legislação, ou seja, 3,9 milhões de propriedades são classificadas como da agricultura familiar e correspondem a 23% da área de todos os estabelecimentos rurais do país (IBGE, 2017). Segundo informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a atividade envolve aproximadamente 4,4 milhões de famílias e é responsável por gerar renda para 70% dos brasileiros no campo. Esses agricultores e agricultoras são responsáveis por produzir cerca de 70% do feijão nacional, 34% do arroz, 87% da mandioca, 60% da produção de leite e 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos. Santa Catarina é o estado com o quinto maior valor de produção provenientes da agricultura familiar, com R\$ 10,38 bilhões. Cerca de 78% das propriedades rurais do estado são deste modelo, ocupando 364 mil catarinenses e 2,45 milhões de hectares cultivados (IBGE, 2017).

No entanto, apesar do Censo Agropecuário apontar a importância e a potência do trabalho agrícola familiar, é possível observar que sentidos negativos ainda são utilizados com frequência pelos meios de comunicação para se referir à essa atividade. Numa rápida análise dos conteúdos midiáticos é possível destacar que os sentidos associados à agricultura familiar partem principalmente da relação com o agronegócio. Ao mesmo tempo que projeta uma imagem de desenvolvimento, apresentando sentidos favoráveis à mecanização da agricultura e às novas tecnologias, a mídia constrói sentidos negativos sobre a agricultura familiar, descrita como uma atividade atrasada, que apenas gera pobreza, sacrifício e sofrimento. Diante desse contexto, e em um cenário em que a grande mídia vende a imagem de sucesso do agronegócio, como a propaganda “Agro: a indústria riqueza do Brasil” da Rede Globo, essa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar as representações elaboradas pelas narrativas jornalísticas acerca da agricultura familiar. Levando-se em conta a construção histórica da figura do agricultor e da agricultora e o

importante papel da agroindústria para Santa Catarina, toma-se como objeto de estudo as representações sociais construídas pela cobertura jornalística catarinense sobre a agricultura familiar. Para responder ao objetivo proposto, este trabalho adota o conceito de Representações Sociais de Serge Moscovici (2015) como operador metodológico, a partir do qual definiu-se um modelo para análise do material empírico.

Representações sociais, Comunicação e Jornalismo

O conceito de Representações Sociais foi descrito primeiramente por Serge Moscovici em sua obra *A psicanálise, sua imagem e seu público* (1961) e parte da ideia de representação como um fenômeno, no sentido de enfatizar seu caráter dinâmico nas sociedades modernas. Representações, para Moscovici, “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (MOSCOVICI, 2015, p. 49). Ou seja, através de um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, é possível existir interpretação e construção das realidades sociais. Portanto, as representações estão social e culturalmente localizadas na vida cotidiana onde elas “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Essa perspectiva construtivista de Moscovici reforça o papel central da comunicação, pois é ela “que permite aos pensamentos e aos sentimentos individuais convergirem e possibilita que algo individual se torne algo social” (Moscovici, 1988, p. 219, tradução livre)⁴. Além disso, essa abordagem dialoga diretamente com o conhecimento do senso comum que é compartilhado na vida cotidiana. Para o autor, a vida cotidiana remete a um universo consensual, no qual representações são formas de conhecimento que criam e modificam a realidade e a partir dela se recriam. O processo ocorre através dos pontos de tensão de uma sociedade. Na ausência de sentido (tensão), há um movimento de busca dele novamente e de restabelecer um novo. “O propósito de todas as representações é tomar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade, em algo familiar” (MOSCOVICI, 2015, p. 33).

Segundo Moscovici, esse processo de geração e/ou transformação das representações acontece através da ancoragem e da objetivação. A ancoragem, como

⁴ No original: “[...] which enables individual thoughts and feelings to converge and allows something individual to become something social” (MOSCOVICI, 1988, p. 219).

explica ele, é o momento em que um objeto não-familiar é classificado com base no referencial simbólico partilhado por um grupo. Esse processo ocorre por meio de duas vias, da generalização ou da particularização, que varia de acordo de como o objeto é representado em comparação ao conhecimento de referência (MOSCOVICI, 2015). Na generalização uma característica específica é generalizada, ou seja, é entendida como uma categoria comum a todos os membros que nela se enquadram. Como escreve Moscovici (2015, p.65), “quando [a característica] é positiva, nós registramos nossa aceitação; quando é negativa, nossa rejeição”. A representação de um indivíduo que vive da atividade agrícola como um “caipira” é um exemplo de generalização. No caso da particularização, a representação é feita de forma oposta, já que a característica que torna o objeto distinto e distante do consensual é ressaltada. “A tendência para classificar, seja pela generalização, ou pela particularização, não é, de nenhum modo, uma escolha puramente intelectual, mas reflete uma atitude específica para com o objeto, um desejo de defini-lo como normal ou aberrante” (MOSCOVICI, 2015, p. 65).

O objeto é então classificado e nomeado através da linguagem e se corporifica na realidade, quando ocorre o processo de objetivação. Moscovici (2015, p. 71 e 72) explica que “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia [...]; é reproduzir um conceito em uma imagem” e acrescenta que através desse processo cria-se um consenso, um “núcleo figurativo”, ou seja, um “complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias”. Esses processos são, para Moscovici, “uma forma de lidar com a memória”, ou seja, através de instrumentos como a ancoragem e a objetivação podemos colocar a memória em movimento se voltando para os contornos internos (ancoragem) e/ou partindo da memória para o meio externo (objetivação), reproduzindo conceitos e imagens simbólicas que nela se ancoram na forma de fenômeno real.

O maior interesse de Moscovici (1988, p. 221, tradução livre)⁵ nos estudos das Representações Sociais é justamente entender os modos pelos quais, nas sociedades modernas, as “representações podem se tornar sociais, dependendo das relações entre os membros de um grupo”. Essas relações constroem o que o autor descreve como “sociedade pensante”, uma sociedade em que existem processos ativos que os sujeitos sociais mobilizam na compreensão do mundo. Nesse sentido, as representações são uma

⁵ No original: “[...] representations can become social, depending on the relations between group members” (MOSCOVICI, 1988, p. 221).

forma de conhecimento que tem como principal objetivo transformar a realidade, o que faz as representações serem, de fato, “sociais”.

Sendo assim, as representações sociais no contexto das sociedades contemporâneas estão sustentadas em um tripé que Denise Jodelet (2001, p. 22) descreve como “intensidade e fluidez das trocas e comunicações”, “desenvolvimento da ciência” e “pluralidade e mobilidade sociais”, o que, para a autora, faz com que o fenômeno descrito primeiramente por Moscovici exija um estudo interdisciplinar. Nesse sentido, é necessário um esforço de articular “elementos afetivos, mentais e sociais” e considerar as “relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir” (JODELET, 2001, p. 26). Para exemplificar esse entendimento, Jodelet (2001) pontua algumas problemáticas importantes que devem estar embutidas nos estudos das representações sociais: condições de produção e de circulação; processos e estados; e estatuto epistemológico. Nessa divisão, a comunicação estaria situada nas condições de produção e circulação, ou seja, num local estratégico de fluxo das representações, afinal, como já apontado por Moscovici, as representações só existem se comunicadas e a comunicação só é possível através das representações.

Dentro do campo da Comunicação encontra-se o Jornalismo, destacando aqui sua característica midiática. Vera França (1998) e Gislene Silva (2010), ao proporem que as mídias participam da construção da realidade, destacam o caráter simbólico dos produtos jornalísticos. Nessa perspectiva, a notícia constrói versões de realidade, formando o que Miquel Alsina (1989, p. 185, tradução livre)⁶ define como “uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente, que se manifesta na construção de um mundo possível”. O autor entende que as notícias são representações sociais da realidade, resultado de uma prática profissional específica e com uma função que não é necessariamente apresentar a vida cotidiana, mas sim se referenciar a partir dela e que a ela se volta. As representações teriam então uma finalidade prática, se materializando inclusive através das notícias. Conforme Gislene Silva (2010), as notícias são construções simbólicas que criam sentidos e que podem fazer parte das diversas composições de realidade que os indivíduos constroem e vivenciam. Como complementa Vera França (2004), ao produzir e colocar em circulação conteúdos noticiosos, o jornalismo contribui decisivamente para o processo de (re)construção de sentidos e representações acerca de

⁶ No original: “Noticia es una representación social de la realidad cotidiana producida institucionalmente que se manifiesta en la construcción de un mundo posible” (ALSINA, 1989, p. 185).

temas, sujeitos, grupos e suas ações, sendo um importante espaço de observação das representações que estão em circulação na sociedade.

Percurso Metodológico

Para alcançar o objetivo proposto, optamos por elaborar uma metodologia própria tomando o conceito de representações sociais de Serge Moscovici como operador metodológico⁷. Esse modelo é composto por três categorias: 1) *Temas* 2) *Atores em destaque* e 3) *Representações*. A primeira parte, composta pelas dimensões 1) *Temas* e 2) *Atores em destaque* tem como objetivo auxiliar na organização, classificação e descrição dos materiais jornalísticos selecionados. Através dessa primeira observação, verifica-se o destaque dado à agricultura familiar na cobertura jornalística, a quais temas ela é associada, qual a perspectiva adotada e quais atores são acionados para falar nos relatos jornalísticos sobre agricultura familiar em Santa Catarina. Para realizar a análise a partir das categorias *temas* e *atores*, realizamos ainda uma classificação dos materiais jornalísticos conforme eixos temáticos que foram sendo definidos a partir da leitura de todo o material e que consideraram as semelhanças e diferenças entre os assuntos tratados nas mais diversas matérias da cobertura jornalística. Os cinco eixos temáticos são: *Promoção da agricultura familiar, Transformações sociotécnicas, Viabilidade econômica, Dificuldades e reivindicações; Iniciativas sociais e/ou políticas públicas*.

Na terceira dimensão, 3) *Representações sociais*, nos dedicamos a identificar e interpretar o modo como a agricultura familiar e os(as) agricultores(as) são representados(as) nas matérias jornalísticas. Após a classificação das matérias do *corpus* em cinco eixos temáticos, faz-se a leitura das matérias e a identificação de quais representações são construídas. Para identificá-las, observa-se principalmente dois aspectos: I) a forma como agricultura e agricultores(as) são explicitamente nomeados, qualificados, classificados, através de certos recursos como adjetivos, comparações, etc; e II) a forma como eles(as) são relacionados a outros atores, práticas, situações ou acontecimentos, tendo em vista tais relações também podem sugerir certas representações.

⁷ Essa pesquisa utiliza como ponto de partida um modelo de análise também utilizado nas dissertações de Mestrado de Thaís Araújo de Freitas (2021), Anaíra Sarmiento (2021) e Keltryn Wendland (2020), defendidas nos últimos anos no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC e orientadas pela professora Terezinha Silva.

O Portal Nossa Santa Catarina (NSC) foi escolhido por ser o maior grupo de mídia *mainstream* do estado, ocupando um lugar de destaque na cobertura jornalística catarinense. Como este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, para a dissertação de mestrado, é interessante acrescentar que realizamos um levantamento das notícias e reportagens em um período de uma década. As palavras-chave utilizadas foram: “agricultura”, “agricultura familiar”, “agricultor”, “agricultora”, “agricultores”, “produtor rural”, “produtores rurais”, “camponês”, “camponesa”, “camponeses”. Depois de realizar um filtro nos 243 materiais coletados no Portal NSC, entre 2010 e 2020, chegamos ao número de 166 conteúdos jornalísticos como objeto empírico da pesquisa. Para este artigo, no entanto, interessa-nos os 15 materiais mapeados no ano de 2017, escolhido para uma análise preliminar por se tratar de um período decisivo, em que a empresa gaúcha RBS é vendida para o Grupo NC, atual dono de todos os veículos de comunicação da filiada da Rede Globo em Santa Catarina.

Representações da agricultura familiar no Portal NSC

As matérias que se enquadram dentro do eixo de *Viabilidade econômica* foram as mais veiculadas durante o ano de 2017. Contabilizamos seis matérias no eixo de *Viabilidade econômica*, seguidas pelos eixos *Promoção da agricultura*, *Dificuldades e reivindicações*, e *Iniciativas sociais*, que estão empatados com três matérias cada. No eixo *Transformações sócio técnicas* não identificamos nenhuma matéria no que se refere ao ano de 2017, mas reiteramos que consideramos um eixo fundamental para a análise posterior de todo o *corpus*, na dissertação de mestrado, já que é uma categoria que engloba matérias que falam sobre a modernização da agricultura e inserção de tecnologias no campo. Compreendemos que as matérias que categorizamos nessa análise dentro do eixo de *Viabilidade econômica*, de alguma forma, também estão falando de *Transformações sócio técnicas*, mas, ao abrir e ler os materiais um a um, entendemos que trazem uma abordagem enfatizando muito mais a viabilidade da produção do que sobre os novos modelos de produção. Na sequência, analisamos as matérias da cobertura do Portal NSC sobre a agricultura familiares e agricultores(as) a partir de cada um dos cinco eixos temáticos, separadamente.

- **Viabilidade econômica**

O eixo temático de *Viabilidade econômica* se sobressai entre os cinco eixos delimitados para esta análise piloto dos materiais jornalísticos referentes ao ano de 2017.

Contabilizando seis matérias de um total de 15, este eixo engloba produtos jornalísticos que visam discutir a viabilidade da agricultura familiar enquanto atividade econômica. As matérias desse eixo trazem muitos dados ao longo dos textos, buscando traçar uma linha argumentativa que procura, sobretudo, mostrar como a produção agrícola ganha cada vez mais espaço no mercado. Essa constatação também advém da observação de que das seis unidades de análise deste eixo, cinco referem-se a reportagens e apenas uma se enquadra como notícia, indicando um tratamento mais atencioso ao tema, com marcas de um trabalho mais elaborado de apuração.

Em todos os títulos e subtítulos dos materiais desse eixo temático percebemos o uso de dados e porcentagens que indicam a alta na produtividade e/ou as conquistas em rankings nacionais que monitoram a produção agrícola. Sempre com a adoção de um tom de celebração e de entusiasmo, com o emprego de palavras como ‘confiante’ e ‘otimismo’, observamos que a abordagem adotada não causaria estranheza se essas reportagens fossem divulgadas em publicações ou programas especializados em agronegócio, por exemplo.

Nota-se, portanto, que as matérias incluídas no eixo temático relacionado à viabilidade econômica sugerem uma ideia de que viabilidade se limita a aspectos de produtividade e lucro. No entanto, trata-se de um assunto muito mais amplo e complexo, que vai além das altas ou das quedas das produções e do retorno financeiro. Envolve, por exemplo, a necessidade de investimentos e adaptações nas lavouras que, por falta de políticas de incentivo e crédito, acabam sendo um obstáculo para os agricultores; os tipos de produção, seja as monoculturas do agronegócio ou a variedade da agricultura familiar, bem como as dificuldades e limites de cada um dos modelos; a possibilidade de acesso dos agricultores a políticas públicas como também à instituições de qualificação visando à capacitação e ampliação de conhecimentos. Temas que podem ser problematizados pelo jornalismo dentro de uma abordagem de viabilidade econômica da agricultura familiar, mas, como podemos verificar, passam despercebidos.

Abordar a atividade agrícola na cobertura jornalística catarinense de forma restrita a ganhos, perdas e lucros também é um tópico discutido pelo professor Jorge Ijuim (2016), que defende a ideia de Ordem e Progresso como critério de noticiabilidade. Para isso, Ijuim discorre sobre os modelos jornalísticos em prática pela imprensa brasileira e discute especialmente quanto à forma e ao enfoque da cobertura que aborda resultados econômicos. Ao analisar matérias que anunciam o aumento da produção de soja em Santa

Catarina, entre 2015 e 2016, o professor propõe uma reflexão que ultrapassa o jornalismo de economia e realiza apontamentos sobre os aspectos do fazer (e do pensar) jornalístico. A partir de Cremilda Medina (2008), Ijuim explica que os modelos jornalísticos em prática foram estruturados no Século XIX, quando a imprensa deixou de ser uma atividade artesanal para ser desenvolvida por uma indústria da comunicação. Segundo ele, “a evolução dos meios de comunicação exigiu a adoção de métodos e de processos fabris que permitissem maiores tiragens e em periodicidade mais curta”. Por isso, inspirado nas reflexões de Capra (1993), o professor aponta que tal visão de mundo proporcionou a criação de certas crenças que, de maneira geral, reduzem nosso olhar e compreensão do mundo. Como, por exemplo, a tendência de observar a realidade de forma reduzida à soma das partes (fragmentação, especialização, disciplinaridade), de reduzir o real ao experimental (certeza, divisão sujeito-objeto, seres humanos e todos os seres vivos como máquinas, ciência, experiência e razão), ou ainda a ideia do ser humano como dominador do planeta (CAPRA, 1993 *apud* IJUIM, 2016, p. 8).

Nesse sentido, destacamos os principais termos e ideias sobre agricultura familiar e produção agrícola presentes nos textos deste eixo, sugerindo certas representações. São eles: inovação; investimento em tecnologia; alta produtividade; potencial no mercado; trabalho árduo; persistência diante das intempéris. Por fim, podemos sintetizar que: 1. as reportagens se restringem ao foco econômico e 2. não apresentam abrangência – fatos periféricos ou correlatos que possam ajudar a dar nexos, a contextualizar o fato original.

- **Promoção da agricultura familiar**

O eixo *Promoção da agricultura familiar* reúne matérias cuja ênfase principal é a divulgação da agricultura familiar, seus modos e lugares de produção e seus benefícios para o consumidor. As unidades de análise desse eixo temático são três e aparecem em segundo lugar em ocorrência, empatadas com os outros dois eixos: *Dificuldades e reivindicações* e *Iniciativas sociais*. Todas as matérias relativas a esse eixo trazem uma abordagem didática de promover explicitamente um conhecimento sobre o mundo da produção agrícola familiar. Isso significa que, através dessa perspectiva, a agricultura familiar é descrita pelo jornalismo para além do território físico, e não se limita a dados e estatísticas do mercado.

Em todas as unidades de análise desse eixo, agricultores e agricultoras são sujeitos centrais da reportagem e aparecem como fontes, o que totaliza oito agricultores e agricultoras entrevistados(as). Entre outros elementos centrais, percebemos que esses

sujeitos são vistos como detentores de determinados conhecimentos, os quais seriam desconhecidos para quem é da cidade, e, por isso, são tratados não apenas como personagens do texto para cumprir um requisito ou com o papel de reforçar o que já vem sendo dito por outras fontes.

Sobre a agricultura familiar enquanto atividade econômica, nota-se dois sentidos construídos nas matérias: 1. uma abordagem curiosa e exótica e outra 2. relacionada com a tradição e os costumes passados entre as gerações de agricultores. Nesse sentido, observamos que representações negativas são construídas por meio da descrição de costumes e tradições de agricultores e agricultoras, e até a própria agricultura familiar entendida como uma antiga tradição. Observamos que isso ocorre através da descrição das atividades agrícolas que não incorporaram novas tecnologias e permanecem realizando os trabalhos de forma manual.

Diante desse “atraso” das práticas agrícolas familiares, em alguns momentos as matérias tentam sensibilizar os leitores, como num movimento de justificar a produção agrícola familiar, por meio de trechos como “uma fonte de renda a mais”, “produção orgânica”, “produção agroecológica”, “contribui para a preservação”. Nesse sentido, percebemos que os materiais desse eixo temático buscam trazer uma motivação econômica que reforça e justifica a importância daquela produção, seja através de estimativas de boa produção ou por meio das falas de especialistas e pesquisadores que apontam um novo nicho no mercado.

- **Dificuldades e reivindicações**

O eixo *Dificuldades e reivindicações* agrega matérias cuja ênfase predominante são as dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar e seus produtores, como também as mobilizações sociais em prol da luta por direitos, autonomia e reconhecimento da produção familiar. De acordo com o mapeamento exposto no tópico da análise descritiva, este eixo temático contém três das 15 unidades de análise.

De maneira geral, agricultores e agricultoras não são considerados sujeitos centrais nas matérias desse eixo temático, embora sejam coberturas jornalísticas que se propõem a relatar suas dificuldades e reivindicações. Apenas em uma delas esses sujeitos são entrevistados como fontes e, mesmo assim, consideramos que a reportagem não os trata como sujeitos centrais, já que apenas três produtores são entrevistados e citados todos em um único parágrafo, enquanto outras dez fontes (três especialistas, duas autoridades e cinco oficiais) relatam toda a situação a partir do seu ponto de vista. Essa constatação nos

permite pensar que o jornalismo compreende o(a) agricultor(a) familiar como um ator desprovido de um saber a ser compartilhado ou até mesmo como um indivíduo ignorante, colocando o saber do homem/mulher do campo abaixo do saber do homem/mulher cientista, autoridade pública ou oficial.

Também notamos que o fator clima é tratado pelo jornalismo como a maior dificuldade de agricultores e agricultoras, estando presente em duas das três matérias deste eixo temático. Percebemos que as intempéries são entendidas pela cobertura jornalística como algo inevitável, e, diante desse fato, a lamentação das fontes especializadas se dá exclusivamente pela perda de produtividade e lucro.

De fato, a agricultura é uma atividade totalmente dependente de fatores climáticos e qualquer mudança no tempo afeta diretamente o volume e qualidade da produção. Sendo assim, as informações acerca do assunto são de extrema relevância para o público e, portanto, pauta no jornalismo. Entretanto, compreendemos que a cobertura jornalística sobre agricultura familiar e os problemas que envolvem a atividade agrícola não podem ser descritas sem a perspectiva dos sujeitos que dela vivem, pois não são somente as perdas da produção que importam, mas, também, o impacto financeiro e psicológico na vida de agricultores e agricultoras que dedicaram tempo e dinheiro para cultivar suas terras. Até porque fatores climáticos não são o único problema da agricultura familiar e seus agricultores; e tanto este quanto outros problemas desse segmento também demandam políticas públicas.

Além disso, como mencionamos acima, a estiagem é observada pelo jornalismo da NSC como um fenômeno isolado e inevitável. Sabemos, no entanto, que pesquisadores no mundo todo estudam e alertam há anos sobre o impacto das ações humanas na mudança global do clima. Recentemente, o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) confirmou que as mudanças do clima não só são reais, como são causadas pelo homem e estão se intensificando em ritmo acelerado. Criado em 1988, o IPCC aponta através de seus estudos que o setor da agricultura é considerado um dos mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas, já que seu funcionamento é direto e altamente vinculado às condições climáticas. Embora as previsões do relatório indiquem que os efeitos sobre a produção agrícola poderão variar muito de região para região, as mesmas revelam que as mudanças deverão ter grandes consequências, principalmente nos países em desenvolvimento, devido à predominância da agricultura em suas economias, à escassez de capital para as medidas de adaptação e à

exposição elevada a eventos extremos. Portanto, relatar na cobertura jornalística fenômenos de estiagem, enchentes, ventanias, granizos, tempestades como “inevitáveis”, descrevendo esses acontecimentos como meros imprevistos, com um tom de lamentação, aflição e consternação, é uma grave falha (ou escolha) da produção jornalística. Isso porque não só ‘esquece’ de problematizar assuntos relevantes, como a relação entre crise climática e agricultura familiar, como também constrói a ideia de que nada pode ser feito, de que é assim mesmo (normalização, conformismo), afinal são fenômenos da natureza e o ser humano não tem nada a ver com isso. Não à toa, o santo católico São Pedro, conhecido popularmente como “aquele que abre as comportas do céu”, é citado em duas das 15 matérias analisadas neste exercício piloto (e que estão enquadradas em outros eixos temáticos). Sendo assim, predomina a perspectiva de que não existem alternativas para discutir, resolver, amenizar, controlar e/ou contornar o problema. Até porque o verdadeiro problema sequer é colocado dentro das pautas (a crise climática), que tendem a não contextualizar e a isolar os fenômenos climáticos através de uma narrativa muito mais voltada para relatar dificuldades e as consequências das perdas de lucros, qualidade e quedas das produções.

- **Iniciativas sociais e/ou Políticas Públicas**

Como já indicado, o eixo *Iniciativas sociais e/ou Políticas Públicas* reúne matérias cujo principal enfoque são iniciativas da sociedade civil e/ou do poder público voltadas para estimular a agricultura familiar. Conforme mapeamento realizado, observamos que este eixo possui três unidades de análise. Em todas essas matérias, agricultores e agricultoras são considerados sujeitos centrais como também são fontes entrevistadas pelos repórteres. Ao todo, são cinco produtores rurais entrevistados e 15 outras fontes consultadas, entre especialistas, autoridades e oficiais.

Vale destacar que duas das três unidades de análise desse eixo temático tratam de atividades do MST. Nessas duas reportagens, todos os entrevistados estão envolvidos especificamente com essa iniciativa, especialmente líderes e representantes do movimento que pretende ajudar famílias e agricultores a melhorar suas condições de vida e que se colocam na luta pela Reforma Agrária. No entanto, percebemos que apesar de mencionar essa questão, as matérias não aprofundam nem contextualizam o assunto, resumindo todo o movimento a “buscar uma terra para plantar”.

Notamos ainda que, nesses dois casos, muitos termos se repetem como "militantes", "ocupação", "barracos", "acampados", "desempregada", “baixa renda” e “acampamento”,

formando representações negativas sobre o acontecimento (ocupação) e os sujeitos que estão diretamente envolvidos. Diante disso, percebe-se que há uma preocupação dos líderes do movimento de passar um sentido contrário: “Para muitos, aqui só tem bandido. Mas aqui tem muito amor. É como diz um slogan: "companheiro que é companheiro divide o pão”.

No mapeamento para esta análise, outra matéria também se enquadrou neste eixo temático e fala sobre uma iniciativa do poder público de disponibilizar alternativas para produtores rurais instalarem telas de proteção contra intempéries em suas propriedades. Os sentidos que prevalecem na matéria em questão é de que o Estado está possibilitando uma excelente ferramenta para os agricultores, mas que esses trabalhadores são sujeitos desconfiados e teimosos demais para aceitarem algum auxílio. Ou seja, ao abordar uma política pública para a agricultura, o discurso jornalístico sugere uma representação de que agricultores(as) são sujeitos atrasados, ignorantes e desconfiados, feito bicho do mato. Nas entrelinhas, a matéria parece justificar que os agricultores não aderem o projeto proposto pelo governo por conta dessa postura arisca e por estarem afastados (física e intelectualmente) das decisões e ações do governo. Não há nenhum questionamento sobre os prós e contras do projeto em si.

Diante dessas representações sugeridas ao longo dos textos, observamos que a agricultura familiar é compreendida pelo jornalismo praticado pela NSC como um grupo apartado da sociedade. Isso porque, na nossa análise, esses(as) trabalhadores(as) normalmente estão executando suas atividades ocupacionais distante dos grandes centros urbanos e o entendimento de “sociedade” nos materiais do portal catarinense observado parece não incluir acontecimentos do meio rural e reivindicações por políticas públicas de agricultores(as) familiares.

Considerações finais

Ao final desta análise pode-se sintetizar algumas das principais representações projetadas pela cobertura do portal NSC. Ao abordar assuntos relacionados à *viabilidade econômica* da agricultura familiar (eixo 1), predominam representações da agricultura familiar como uma atividade moderna, eficiente e inovadora. Ao produzir matérias que *promovem a agricultura familiar* (eixo 2), sobressaem representações que associam a atividade rural com a tradição e costumes passados ao longo de gerações. Sendo assim, predomina a ideia de uma atividade atrasada que não incorpora novas tecnologias e que

permanece realizando os trabalhos de forma manual, construindo sentidos de escassez e de trabalho inadequado. Ao elaborar produções jornalísticas sobre as *dificuldades e reivindicações* (eixo 3) da agricultura familiar, observamos que o fator climático é colocado como a principal dificuldade da atividade agrícola, sendo citado nas três matérias que compõem o eixo temático. Não há qualquer problematização sobre a crise climática ou discussão mais concreta sobre políticas públicas para agricultores. Ao tratar sobre temáticas que envolvem as *iniciativas sociais e políticas públicas* (eixo 4), prevalece a ideia de que a agricultura familiar é uma atividade tradicional, coletiva e sustentável com diversidade de produção. Entretanto, também se percebe a construção da imagem de agricultores ignorantes, distantes da realidade urbana, e de que não possuem certas capacidade e/ou conhecimentos.

Diante desses resultados, voltamos novamente para a interpretação do professor Jorge Ijuim (2016) que, inspirado em Boaventura de Sousa Santos (2010) e Edgar Morin (2006), sublinha que, na modernidade, com a ascensão do pensamento científico, conhecer significa quantificar. Assim, “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante. [...] o rigor científico assenta na redução da complexidade” (SANTOS, 2010, p. 27-28 *apud* IJUIM, 2016, p. 8). Para Ijuim, a ciência moderna constitui um paradigma simplificador e reducionista e tais características contribuíram para a moldagem do fazer e do pensar o jornalismo. Em outros termos, nesta breve análise podemos observar que a cobertura sobre agricultura familiar em Santa Catarina mostra, sobretudo, como a imprensa isola essa atividade econômica num compartimento - e muitas vezes num lugar muito mais relacionado com o agronegócio do que com a agricultura familiar em si - em detrimento das várias intercomunicações que possui nas diversas dimensões da vida social e que não podem ser quantificadas e medidas em gráficos.

Por fim, observamos que há uma certa indistinção entre os conceitos (e práticas) de agricultura familiar e de agronegócio nas matérias. É interessante notar que, nas unidades analisadas, os/as jornalistas não diferenciam muito um ou outro, ou sequer dedicam tempo e espaço para aprofundar essa questão. Em uma das matérias, o subtítulo é composto pelo termo “agronegócio” para se referir ao gado de corte como o produto mais importante para o setor catarinense. Nos outros materiais encontramos ainda o termo sendo utilizado nas *tags*, como também o uso da palavra “agroindústria”. Não é possível dizer, nesse momento da análise, se esta é uma ação proposital ou resultado da falta de cuidado e

atenção dos/das jornalistas, com uma certa naturalização de que tudo corresponde ao agro, como na propaganda da Rede Globo “Agro: a indústria riqueza do Brasil”.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Paidós, Barcelona, 1989.

BRASIL. **Decreto-lei no 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 jul. 2006. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em abril de 2021.

FRANÇA, Vera. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Representação, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (Org.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: Puc Rio; Ideias & Letras, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro_2017_resultados_definitivos.pdf. Acesso em março de 2022.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Modernidade e modelos jornalísticos: Ordem e Progresso como critério de noticiabilidade**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1917-1.pdf>. Acesso em março de 2022

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais - investigações em psicologia social**. Ed. Vozes, 11ª edição, Petrópolis, RJ, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Notes towards a description of social representations**. European Journal of Social Psychology, n. 18, 1988, p. 211-250. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/SergeMoscovici2/publication/227778646_Notes_Towards_a_Description_of_Social_Representations/links/59f5982caca272607e2a9883/Notes-Towards-a-Description-of-Social-Representations.pdf. Acesso em dezembro de 2021.

SILVA, Gislene. **Imaginário coletivo: estudos do sensível na Teoria do Jornalismo**. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 244-252, setembro/dezembro 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7382/5881>. Acesso em dezembro de 2021.